

Artigo de revisão | Review

Plumbum mellitumDaniel Conti Evangelista,^I Nílo E. Gardín,^{II} Mary Uchiyama Nakamura^{III}

^IMédico. Pós-graduando *Lato Sensu* em Antroposofia na Saúde – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

^{II}Médico antroposófico e homeopata.

^{III}Médica, professora. Departamento de Obstetrícia – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Endereço para correspondência: Daniel C. Evangelista: dcemedicina@gmail.com

Trabalho apresentado no Curso de Especialização em Antroposofia na Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Palavras-chave: *Plumbum mellitum*; antroposofia; chumbo; medicamento antroposófico; esclerose.

Key words: *Plumbum mellitum*; anthroposophy; lead; anthroposophic medicine; sclerosis.

RESUMO

A elaboração do *Plumbum mellitum* por Rudolf Steiner e Ita Wegman evidencia um princípio terapêutico essencial da medicina ampliada pela ciência espiritual: a busca das forças curativas e restituidoras de vida e saúde nos processos da natureza e do Universo. Este medicamento é composto por chumbo, mel e açúcar, preparados por um complexo processo farmacêutico, realizado pelo Laboratório Weleda AG. Tem indicação principal nos processos de esclerose. Fisiologicamente, a organização do eu provoca desgaste no organismo para o desenvolvimento da consciência. Na esclerose, a atuação da organização do eu torna-se muito fraca, e como ela mesma não consegue promover um desgaste suficiente, o desgaste é realizado pelo corpo astral. O *Plumbum mellitum* age restaurando esse equilíbrio entre o corpo astral e a organização do eu. O mel transfere o efeito catabólico do corpo astral, induzindo a organização do eu a exercer o necessário domínio do processo. Já o açúcar atua diretamente na organização do eu, fortalecendo-a em si mesma e promovendo o cumprimento de suas tarefas. Consequentemente, esse medicamento propicia que o chumbo exerça um efeito de desgaste a partir da organização do eu, e não do corpo astral. Desta forma, retira do corpo astral a relativa autonomia apresentada na esclerose.

ABSTRACT

The elaboration of Plumbum mellitum by Rudolf Steiner and Ita Wegman shows an essential therapeutic principle of medicine extended by the spiritual science: the search of healing and restorative forces in the processes of the nature and the Universe. This medicine is composed of lead, honey and sugar, prepared through a complex pharmaceutical process, which is performed by the Laboratory Weleda AG. Sclerosis is its main indication. Physiologically, the ego-organization consumes vitality for the development of consciousness. In sclerosis, the acting of ego-organization becomes very weak and it cannot promote a sufficient consumption. So, this action is performed by the astral body. Plumbum mellitum acts restoring the balance between the astral body and ego-organization. Honey transfers the catabolic effect of the astral body, inducing the ego-organization to exercise the necessary process control. Sugar acts directly in the ego-organization, strengthening it in itself and promoting the fulfillment of its tasks. Consequently, with this medicine, the lead exerts a consumption effect from the ego-organization, rather than the astral body. In this way, it removes the relative autonomy of the astral body presented in sclerosis.

O elemento fundamental do conhecimento da antroposofia está no reconhecimento de que o ser humano e a natureza tiveram uma evolução comum, havendo assim uma identidade de processos entre o homem e os reinos da natureza.¹

A farmácia antroposófica busca seus medicamentos todos na natureza, a partir de substâncias minerais, vegetais ou animais, partindo do princípio que todos os processos normais ou doentios que ocorrem no organismo humano encontram na natureza algum processo correlato ou oposto. A cada caso a medicina antroposófica indica um medicamento que irá estimular no ser humano uma reação que o levará a cura ou alívio da enfermidade atuando nas forças autocurativas do organismo, proporcionando um modelo orientador para o órgão ou sistema doente, levando à sua atividade sadia.²

Mais do que as propriedades de sua composição química, os medicamentos antroposóficos caracterizam-se como uma unidade orgânica resultante de processos que ocorrem na natureza, conforme a essência das substâncias. São produzidos respeitando-se a natureza essencial e qualitativa das substâncias dos diversos reinos, preparados por processos farmacêuticos orientados pelos conceitos da antroposofia, através dos quais se relacionam com os processos biológico, anímico e espiritual do ser humano trimembrado.²

A substância estudada por este artigo, o *Plumbum mellitum*, é um medicamento que surge na bibliografia antroposófica descrito por Steiner e Wegman,³ inicialmente com o nome comercial de Scleron (Weleda AG). Ele é constituído de chumbo, mel e açúcar. Os nomes científicos dos ingredientes que o compõe são *Plumbum metallicum*, *Mel* e *Saccharum* (*Saccharum officinarum* L.).

PROPRIEDADES GERAIS DO CHUMBO

Dentre os metais principais, o chumbo (Fig. 1) é um dos mais pesados, sendo superado em densidade somente pelo mercúrio e pelo ouro. Pode-se também dizer que o chumbo sofre de maneira intensa a atuação das forças terrestres. Ao corte, o chumbo apresenta pouco brilho, o qual é rapidamente perdido com a presença do ar.⁴



Figura 1. Chumbo. Imagem em domínio público, disponível em <<http://emotravm.ru/308/>>.

O chumbo tem uma qualidade formadora de limites e algumas de suas características testemunham essa qualidade, como por exemplo, emudece o som, rejeita o elemento aquoso e conduz calor de forma precária. Possui processos que levam a condensação e tem forças catabolizantes. Os sais de chumbo ilustram um lado especial desse metal, indicando sua intimidade com o mundo da luz, além de sua ligação com a gravidade e catabolismo. Tais peculiaridades podem ser encontradas no organismo humano. O sistema nervoso, delimitado pela calota craniana, mostra extensos processos catabólicos. A atividade libertadora da consciência no sistema nervoso está envolvida pelo calor da organização cefálica e tem relação com a luz. A qualidade de esclerose, própria da organização nervosa, se expressa no sistema ósseo: a ossificação é um processo de chumbo.⁵

Sob a forma de metal, o chumbo é mole e transmite um som seco, absorve as vibrações de alta e baixa frequência, constituindo-se um excelente isolante contra ruídos. Possui um considerável poder de absorção de radiações ionizantes – raios-X, beta e gama. O chumbo intercepta essas radiações que são perigosas ao organismo humano. Dos sete metais (prata, mercúrio, cobre, ouro, ferro, estanho e chumbo), é o pior condutor de calor e eletricidade e o estudo de suas propriedades químicas demonstra que é ligeiramente eletropositivo. Forma facilmente sais e é raro encontrá-lo em estado nativo. Os sais de chumbo são insolúveis ou pouco solúveis.⁴

Segundo Bott:

Na natureza, o chumbo encontra-se principalmente sob a forma de sulfureto: a galena. Esta geralmente é contida na ganga de calcita (carbonato de cálcio), marcando assim uma afinidade do chumbo para o cálcio. A galena cristaliza-se formando cubos, como a gema (sal) e o diamante. O cubo constitui uma forma tipicamente terrestre, em oposição ao hexágono cósmico da *Silícea* e dos cristais de neve.⁴

De acordo com Schramm, o chumbo não revela, apesar do seu peso, nenhuma propriedade peculiar dos metais. Reflete pouco a luz, conduz minimamente o calor e eletricidade e tem uma reduzida elasticidade. O autor se refere a estas características como “fraquezas” que por sua vez, representam as suas particularidades e qualidades úteis:

Devido a sua inércia, o chumbo leva ao enrijecimento de quase todos os influxos, nele o movimento se detém no espaço. No chumbo cada ação fica fixada como “digital”. Possui também características isolantes e protetivas. É possível conservar substâncias muito agressivas, como o ácido sulfúrico ou ácido fluorídrico, em recipiente de chumbo. Pinturas com chumbo protegem os metais da ferrugem. Em várias circunstâncias o chumbo revela essa qualidade, conferindo luminosidade e brilho às cores, principalmente ao branco. Essas qualidades podem também mostrar indicações sobre a ação dos processos ligados ao chumbo no homem.⁶

Para uso homeopático é necessário o chumbo puro. Para tanto, deve ser dissolvido o chumbo comercial no ácido nítrico, adicionando água e um pedaço de zinco, ao redor do qual o chumbo não demora em se precipitar. Este precipitado, lavado e seco, se reduz com o morteiro (recipiente para misturar e triturar materiais) em poeira fina e, a partir daí, é possível a preparação do medicamento por trituração e as dinamizações mais elevadas por diluições sucessivas.⁷

O CHUMBO E SUAS AÇÕES

O processo do chumbo no organismo humano é caracterizado em três fases: a primeira na solidificação dos ossos, a segunda na regeneração/ressurreição do sangue e a terceira no tornar possível o entusiasmo no mundo das ideias e dos pensamentos.⁶

Esse processo atua de forma complexa em cada fase do ser humano e conduz a algumas patologias, quando seu desenvolvimento em algumas dessas fases é fraco ou unilateral, sendo possível a utilização do próprio chumbo como fármaco em forma dinamizada para o tratamento. Sob a ação do chumbo a dinâmica do processo cognitivo é um pensamento preciso e cientificamente exato. Desta forma, impressões e acontecimentos ficam interligados na consciência de forma resumida, podendo ser experimentados também como lembrança.⁶

De acordo com Lathoud:

O chumbo provoca modificações profundas nos tecidos e estas se traduzem por uma intensa vasoconstrição de todos os pequenos vasos, esclerose progressiva dos tecidos, principalmente do tecido nervoso, nas terminações nervosas e cornos anteriores da medula.⁷

Fisiologicamente, a organização do eu provoca desgaste no organismo para o desenvolvimento da consciência. Segundo Schramm, a organização do eu no ser humano aponta para um desenvolvimento da consciência ou a uma função limitante e de destruição. Os distúrbios correspondentes no anímico indicam que o paciente ou se perde em pensamentos abstratos ou esclerosados, ou mostra uma maturidade insuficiente e limitada capacidade, no sentido de uma autoconsciência escassa.⁶

De acordo com Rudolf Steiner e Ita Wegman, a organização do eu torna-se muito fraca com a esclerose, e como essa organização não consegue promover um desgaste suficiente, o desgaste é ocasionado pelo corpo astral. Devido a isto, os produtos de desgaste deixam de ser parte integrante do organismo e ocasionam um reforço aos órgãos compostos por substâncias salinas. Em uma dosagem adequada, o chumbo restitui a ação de desgaste à organização do eu. Desta forma, os produtos catabólicos não continuam no corpo como algo endurecido, mas são eliminados.³

Steiner e Wegman consideraram que a ação do chumbo sobre o organismo, por intermédio do metabolismo, suscita uma reação da organização de eu em sua dinâmica oposta

neurossensorial. Em uma dosagem suficiente, a sua introdução no organismo em que a atividade de desgaste da organização do eu é muito pequena, passa a atuar como estímulo a ela. Logo, quando essa dosagem for superior a necessidade, ou seja, demasiadamente forte, ocorre uma hipertrofia da organização do eu. O corpo desgasta-se mais do que se reconstitui, tendo basicamente de desintegrar-se.³

O medicamento a base de chumbo promove uma resposta eficiente no tratamento para a tendência à esclerose, quando houver endurecimento dos tecidos. As consequências desta ação fisiopatológica se revela por sintomas de paralisia, atonia, atrofia muscular e dores violentas e espasmódicas.⁷

PROCESSO FARMACÊUTICO

O método de preparação do *Plumbum mellitum* requer que sejam feitas depressões em uma folha de chumbo, as quais são preenchidas com mel e o conjunto coberto com chumbo derretido. Após seu resfriamento ele é ralado, derretido outra vez e, em seguida, colocado como uma folha. Novas depressões são feitas e preenchidas com sacarose fundida (açúcar de cana) e cobertas com chumbo derretido a partir da primeira folha de chumbo. Após resfriamento, é finalmente ralado e a primeira potência decimal (D1) é preparada por trituração com monidrato de lactose.⁸

Desde que foi proposto como medicamento, por Steiner e Wegman, o *Plumbum mellitum* é preparado pelo Laboratório Weleda AG (Suíça) segundo a mesma técnica. A matéria prima é dinamizada até chegar ao medicamento acabado, dispensado ao paciente.

INDICAÇÕES

Em relação à esclerose, principal indicação deste medicamento, a cura consiste em abrir aos processos formadores de sal uma saída para o exterior, pois, caso contrário, eles ficam retidos no corpo. Para isso, através do chumbo, determina-se a direção dos processos de desgaste da organização do eu. Ainda, é necessário que esses processos sejam conservados transitórios à medida que acontecem. Isto é possível misturando-se mel.³

O mel induz a organização do eu a exercer o domínio necessário sobre o corpo astral. Sendo assim, retira deste a relativa autonomia apresentada na esclerose. Já o açúcar atua diretamente na organização do eu, fortalecendo-a em si mesma. Consequentemente, o *Plumbum mellitum* propicia que o chumbo exerça um efeito de desgaste segundo a organização do eu, e não como o corpo astral. Ao mel cabe transferir o efeito catabólico do corpo astral e ao açúcar promover o cumprimento das tarefas específicas da organização do eu.³

Ao usar o medicamento nos estágios iniciais da esclerose, os quais se manifestam pela extinção da capacidade conclusiva do pensar e do domínio preciso da memória, poder-se-á evitar seus estados mais avançados, mas ele

também se mostra efetivo nesses estados.³ Desta forma, o *Plumbum mellitum* – chumbo preparado com mel e açúcar – é um remédio básico para a esclerose. Puramente administrado, o chumbo pode induzir a uma atividade que deveria ser cumprida pela organização do eu. Ao substituir a organização do eu na sua tarefa, a mesma fica enfraquecida e este enfraquecimento será mais intenso quanto mais prolongado for tratamento. A interferência do açúcar e do mel obriga a organização do eu a retornar sua atividade, harmonizando desse modo a ação do chumbo.⁴

Moraes indica esse medicamento para a arteriosclerose:

Nas calcificações escleróticas temos uma matéria inerte, sem objetivo, distanciada da sabedoria térmica da organização do eu. O chumbo com mel pode evocar a atuação da organização do eu quando há tendência de se formarem focos de calcificação errada.⁹

Da mesma forma, Matthias Girke sugere a mesma indicação, quando considera a arteriosclerose como processo de doença em que o sistema neurossensorial atua exageradamente na organização vascular.⁵

Plumbum mellitum tem ação e indicação no tratamento auxiliar de processos esclerosantes, particularmente vasculares, como já foi dito, além de fraqueza de concentração e senilidade precoce, pois estimula o efeito frenador dos processos mineralizantes.¹⁰

Schramm indica o *Plumbum mellitum* D12, no âmbito anímico-espiritual, para indivíduos desmemoriados, distraídos. No campo funcional e dos processos, podem ser tratados com *Plumbum mellitum* D20 os indivíduos que apresentam baixa pressão sistólica, mineralização muito forte ou deslocada, aterosclerose e zumbidos. Já o infarto cardíaco e angiospasmos podem ser tratados com *Plumbum mellitum* D12.⁶

Devido a importante e intensa eficácia, é plausível administrar com precaução uma terapia a base de *Plumbum mellitum* com a posologia específica:

Ampola [não disponível no Brasil]: injetar 1 ml via subcutânea, desde 2 vezes por semana até 1 vez por dia;
Diluição e trituração em D8: 3 vezes ao dia, respectivamente 5 a 10 gotas ou uma colher medida (aproximadamente 200 mg);
Glóbulos: adultos: 3 vezes ao dia, 3 a 5 glóbulos;
Comprimidos [não disponíveis no Brasil]: 3 vezes ao dia, 1 comprimido de Scleron (*Plumbum mellitum* D12);
Pomada [não disponível no Brasil]: de 1 a 2 vezes por semana, aplicar uma camada fina.⁶

CONCLUSÃO

O *Plumbum mellitum* age restaurando o equilíbrio destruído entre o corpo astral e a organização do eu. É fundamental levar

em conta a potência em que o chumbo é dado, ou seja, examinar se, em relação à ação do corpo astral, a organização do eu se manifesta muito fraca ou fortemente, visto que o chumbo determina a direção do processo da organização do eu.

Esse processo deve ser mantido numa volatilidade constante, para tanto, mistura-se o mel e o açúcar. O mel põe a organização do eu na condição de exercer o domínio necessário sobre o corpo astral. Já o açúcar contido no medicamento ativa as forças da organização do eu. O *Plumbum mellitum* se dirige, portanto, à reprodução do equilíbrio entre organização do eu e corpo astral.

Conclui-se que a qualidade hiperformativa do sistema neurossensorial tem íntima relação com o processo do chumbo. O *Plumbum mellitum* tem indicação principal nos processos de esclerose, pois nele se reconhece o princípio interno destes processos. Respeitando os princípios da medicina antroposófica, esse medicamento estimula o organismo humano a buscar sua harmonização, direcionando suas forças no sentido da cura, tomando como referência os processos da natureza.

Agradecimentos

Ao Instituto Mahle pelo apoio na realização do Curso de Especialização em Antroposofia na Saúde da UNIFESP.

Declaração de conflito de interesses

Nada a declarar.

Referências bibliográficas

1. Associação Brasileira de Farmácia Antroposófica (Farmanthropo). Farmácia Antroposófica [monografia na Internet]. São Paulo [s/d] [citado 2015 mar 15]. Disponível em: <http://www.farmanthropo.com.br/index_arquivos/Farmacia_Antroposofica.pdf>.
2. Gardin N. O que são medicamentos antroposóficos? [monografia na Internet] Associação Brasileira de Medicina Antroposófica [s.d.] [citado 2015 mar 15]. Disponível em: <<http://www.abmanacional.com.br/index.php?link=8&id=17>>.
3. Steiner R, Wegman I. Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar segundo os conhecimentos da ciência espiritual. 2ª ed. São Paulo: Antroposófica; 2001.
4. Bott V. Medicina antroposófica – uma ampliação da arte de curar. São Paulo: Associação Beneficente Tobias; 1982.
5. Girke M. Medicina Interna: Fundamentos e conceitos terapêuticos da medicina antroposófica. São Paulo: João de Barro; 2014.
6. Schramm HM. Compendio farmacêutico de medicina antroposofica. Oriago: Arcobaleno; 2002.
7. Lathoud JA. Estudos de matéria médica homeopática. 2ª ed. São Paulo: Organon; 2004.
8. International Association of Anthroposophic Pharmacists. Anthroposophic Pharmaceutical Codex, 3rd. ed. [monografia na Internet]. 2013 [citado 2015 mar 15]. Disponível em: <<http://www.iaap.org.uk/>>.
9. Moraes WA. Medicina antroposófica: um paradigma para o século XXI. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica; 2007.
10. Gardin N, Schleier R. Medicamentos antroposóficos: vademecum. São Paulo: João de Barro; 2009.

Avaliação: Editor e dois membros do conselho editorial

Recebido em 14/06/2015

Aceito em 25/06/2015